

EUTÍFRON

(Ou Sobre a Piedade — Gênero probatório)

Personagens:

Eutífron — Sócrates

St. I

- 2 a **I – Eutífron** — Que novidade houve, Sócrates, para deixares as conversações do Liceu e te pores aqui no pórtico do rei-arconte? Não hás de ter, como eu, nenhuma demanda junto do rei.
- Sócrates** — Os Atenienses, Eutífron, não dão a isso o nome de demanda, porém de acusação.
- b **Eutífron** — Que me dizes? Alguém te acusa de alguma coisa? Pois não posso conceber que sejas capaz de acusar alguém.
- Sócrates** — Não, de fato.
- Eutífron** — Então, alguém te acusa?
- Sócrates** — É isso mesmo.
- Eutífron** — Quem é?
- Sócrates** — Não o conheço bem, Eutífron; parece ser jovem e um tanto obscuro. Se mal não me lembro, chama-se Méleto; é do demo de Pitos. Talvez te recordes desse Méleto de Pitos, de cabelos lisos, barba rala e nariz adunco?
- Eutífron** — Não; não me recordo, Sócrates. Mas que espécie de acusação faz ele contra ti?
- c **Sócrates** — Que acusação? Não revela baixa origem, ao que parece. Sendo tão jovem e já entender de assunto dessa monta, não é ingênuo para desprezar-se. Sabe, segundo ele próprio o declara, como os jovens se corrompem e quem os corrompe. Deve ser algum sábio, que tendo reconhecido em minha ignorância a causa de se corromperem os jovens seus coetâneos, acusou-me perante a cidade, como perante mãe comum. De todos os cidadãos, parece-me ser o único que sabe começar pelo começo, pois é muito acertado ocupar-se primeiro com os jovens e com a maneira de deixá-los excelentes, como faz o lavrador, que cuida em primeiro lugar das plantas novas, para depois tratar das outras. Foi por isso, talvez, que Méleto começou o expurgo por nós, por estarmos estragando, como ele diz, a seiva nova da juventude. De seguida, é natural que ele passe a preocupar-se com os velhos, o que decerto lhe granjeará o título de benemérito da pátria, por tantos e tão importantes serviços, como é de esperar que aconteça, à vista de semelhante começo.
- d
- 3 a

II — Eutífron — Prouvera que assim fosse, Sócrates; mas receio muito que aconteça justamente o contrário. A meu ver, procurando prejudicar-te, o que ele faz, em verdade, é assestar um golpe muito sério nos fundamentos sagrados da cidade. Mas dize-me em que se baseia para afirmar que tu corrompes os jovens?

b **Sócrates** — É absurdo, meu admirável amigo, de se ouvir. Pretende que eu crio deuses, sendo justamente por criar deuses novos e não acreditar nos antigos que ele apresentou queixa contra mim, segundo declarou.

Eutífron — Compreendo, Sócrates; é por causa do demônio familiar a que sempre te referes. Por isso apresentou essa queixa contra ti, por suposta inovação em assuntos divinos. Apresentou-se ao tribunal para caluniar-te, por saber perfeitamente que calúnias dessa natureza pesam muito perante as multidões.
c Comigo, também, quando falo de coisas religiosas na assembléia e lhes predigo o futuro, riem-se de mim e me chamam louco, conquanto não haja uma só palavra de minhas predições que não seja verdadeira. É que eles têm inveja de gente como nós. O melhor é não lhes darmos atenção e prosseguirmos no nosso caminho.

III — Sócrates — Ó meu caro Eutífron! Ser alvo de zombaria não é coisa de grande monta. Se não estou enganado, de regra os Atenienses não se preocupam particularmente com as habilidades de quem quer que seja, contanto que essa pessoa não procure transmitir aos outros sua sabedoria. Logo, porém, que ela
d começa a fazer prosélitos, mostram-se indignados, ou por inveja, como disseste, ou por qualquer outra causa.

Eutífron — Nesse particular, não tenho desejos de ficar conhecendo os sentimentos deles a meu respeito.

Sócrates — Decerto por parecer-lhes que te comportas discretamente e não procuras transmitir a outros o que sabes. Enquanto a mim, receio muito que com o meu gênio comunicativo os tenha levado a pensar que com todo o mundo eu esbanjo o que sei, e não somente sem cobrar renumeração alguma, mas até mesmo mostrando-me disposto a pagar para quem quiser ouvir-me. Mas, como ia dizendo, se eles se dispusessem apenas a rir de mim, como disseste que têm por hábito fazer contigo, não me
e seria desagradável passar alguns momentos no tribunal, em brincadeiras e a rir. Porém, se tomarem a coisa a sério, ninguém sabe como terminará, a não serem os adivinhos como tu.

Eutífron — Decerto não será nada, Sócrates; vencerás felizmente a tua causa, como eu a minha.

IV — Sócrates — Estás implicado em alguma contenda, Eutífron? Acusas alguém, ou és acusado?

Eutífron — Acuso.

Sócrates — Quem é?

Eutífron — Só de o acusar, passo por louco.

Sócrates — Como assim? Acusas alguém provido de asas?

Eutífron — Está longe de voar quem já se acha bastante velho.

Sócrates — Quem é?

Eutífron — Meu pai.

Sócrates — Teu pai, amigo?

Eutífron — Perfeitamente.

Sócrates — Qual foi o seu crime, e de que o acusas?

Eutífron — De homicídio, Sócrates.

Sócrates — Héracles! O vulgo custará a compreender a legitimidade dessa demanda. Penso que não é para qualquer pessoa sair-se bem num caso destes, mas apenas quem estiver muito avançado em sabedoria.

Eutífron — Muito, Sócrates, por Zeus.

Sócrates — Foi um dos teus familiares que teu pai assassinou? Certamente, pois não intentarías uma ação criminal por homicídio, se se tratasse de um estranho.

Eutífron — É ridículo, Sócrates, pensares que há diferença entre ser morto um estranho ou um dos meus familiares, quando o que apenas importaria considerares é se o assassino tinha o direito de matá-lo. Se tinha, deixa-o em paz; caso contrário, tens obrigação de persegui-lo, ainda mesmo que ele durma contigo sob o mesmo teto e seja teu companheiro de mesa. Ficarás do mesmo modo contaminado, desde que convivas conscientemente com o assassino, sem que te purifiques, e a ele, com o denunciá-lo à justiça. Em verdade, a vítima era um pobre trabalhador a meu serviço, e como estamos fazendo uma lavoura em Naxo, trabalhava para nós como jornaleiro. Certo dia, num acesso de bebedeira, brigou com um dos nossos criados e o degolou. Meu pai, então, tendo-o amarrado de pés e mãos, mandou jogá-lo numa fossa qualquer e despachou para aqui um mensageiro, a fim de consultar o exegeta sobre o que deviam fazer. Nesse em meio, desinteressou-se do homem, que continuava amarrado, por considerá-lo assassino e pouco se lhe dando se ele viesse a morrer. E foi o que, de fato, aconteceu, pois a fome, o frio e as cordas o mataram antes que o mensageiro voltasse do exegeta. Por causa disso, meu pai e todos os meus parentes voltaram-se contra mim, por eu ter tomado a defesa do morto e iniciado uma ação de homicídio contra meu pai, que, dizem eles, não o matou. Porém ainda mesmo que o tivesse matado, tratando-se de um homicida, acham que eu não devia dar maior importância ao caso. É prova de impiedade por parte do filho acusar o pai de crime de homicídio. Isso mostra apenas, Sócrates, quanto são ignorantes das coisas divinas, e do que seja piedoso ou ímpio.

Sócrates — E tu, Eutífron, por Zeus, presumes conhecer tão bem as coisas divinas e o que seja piedoso e ímpio, para não temeres — tendo-se passado as coisas como disseste — que, por

tua vez, estejas cometendo uma ação ímpia com chamares teu pai a juízo?

5 a **Eutífron** — De nada me valeria o que sei, Sócrates, nem se distinguiria Eutífron em coisa alguma dos demais homens, se eu não conhecesse muito bem essa matéria.

b **V — Sócrates** — Sabendo disso, meu admirável Eutífron, o que de melhor tenho a fazer é tornar-me teu discípulo, e antes de ser decidida a acusação de Méleto, chamá-lo para declarar-lhe que eu sempre revelara muito interesse pelas coisas divinas; agora, porém, depois de me haver ele acusado de veleidades inovadoras em matéria de religião, tornei-me teu discípulo. No caso, Méleto, lhe diria, de convires que Eutífron é sábio nessa matéria, admite o mesmo com relação à minha pessoa e deixa de acusar-me. Caso contrário, chama primeiro o meu preceptor a juízo, por estar corrompendo os velhos, a mim e ao pai dele; a mim, com suas lições; ao pai dele, com reprimendas e castigo. E se Méleto não se mostrar convencido e não retirar a queixa contra mim, para citar-te em meu lugar, direi no tribunal precisamente aquilo com que insistira junto dele.

c **Eutífron** — Sim, por Zeus, Sócrates! Se ele tentasse acusar-me, tenho certeza de que eu descobriria logo o seu ponto fraco, e dentro de muito pouco tempo teríamos de falar no tribunal muito mais dele do que de mim.

d **Sócrates** — Não o duvido, caro amigo; por isso mesmo é que desejo tornar-me teu discípulo, por haver observado que nem esse Méleto, nem ninguém mais parece perceber que existes; porém de tal maneira e com tanta facilidade me penetrou ele no íntimo, que me acusou de impiedade. Por isso, em nome de Zeus, explica-me isso que dizes conhecer tão bem, o que seja, na tua opinião, piedoso ou ímpio, tanto em relação com homicídio como com tudo o mais. Porventura, o que é piedoso não será igual a si mesmo em todas as ações, e, inteiramente oposto a ele, o que for ímpio, porém sempre igual a si mesmo, e sempre com uma forma única, enquanto ímpia, no que diz respeito à impiedade?

Eutífron — Seguramente, Sócrates.

VI — Sócrates — Então, dize-me o que, a teu ver, é piedoso e o que é ímpio.

e **Eutífron** — Acho que piedoso é o que eu estou fazendo agora, a saber, perseguir os criminosos, tanto de crime de morte como de roubo sacrílego, ou de qualquer outro ato do mesmo gênero, ou se trate de pai, ou de mãe, ou de quem quer que seja; não persegui-lo é ímpio. Senão, Sócrates, presta atenção ao seguinte argumento, que se me afigura decisivo para justificar minha proposição, e que eu já tenho apresentado a outras pessoas, como prova de que proceder corretamente é não ter nenhuma consideração para com o indivíduo ímpio, seja ele quem for. E vem a ser: os próprios homens, que consideram Zeus o melhor e

6 a o mais justo dos deuses, admitem haver ele acorrentado o pai, porque devorava injustamente os filhos, e que esse pai, por sua vez, havia mutilado o seu por idênticos motivos. No entanto, essa mesma gente se revolta contra mim, por haver eu denunciado meu pai por um ato injusto, contradizendo-se, pois, nos seus juízos sobre os deuses e a meu respeito.

Sócrates — Ora, meu caro Eutífron, é por isso, justamente, que eu estou sendo processado, porque repilo energicamente essas histórias a respeito dos deuses, havendo, ao que parece, quem me considere errado nesse particular. Mas, pelo visto, se tu, pessoa tão entendida nesses assuntos, és da mesma opinião, forçoso será cedermos. Que poderíamos objetar, se nós mesmos confessamos nossa total ignorância a esse respeito? Mas, por Zeus amigo, acreditas realmente que sejam verdadeiras todas essas histórias?

Eutífron — Sim, Sócrates, como acredito em coisas mais maravilhosas ainda, de que muito pouca gente tem conhecimento.

Sócrates — E guerra, admites que os deuses, de fato, mantenham entre si, e inimizades terríveis, e combates, e quanta coisa mais do mesmo gênero, que nos são contadas pelos poetas e representadas pelos nossos bons pintores em diversas cerimônias religiosas, e de que está cheio o peplo que na grande Panatenéia é carregado para a Acrópole? Diremos que tudo isso é verdadeiro, Eutífron?

Eutífron — Não somente isso, Sócrates, conforme o declarei há pouco, mas muitas outras histórias eu poderia contar-te, a respeito das coisas divinas que, tenho certeza, só de ouvi-las ficarias maravilhado.

VII — Sócrates — Não fora de espantar; noutra ocasião me falarás sobre isso mais de espaço. Por agora, basta que me respondas com mais clareza sobre o que te perguntei. Porque ainda não me explicaste suficientemente, caro amigo, em que consiste a impiedade, mas apenas declaraste ser ato de piedade fazer o que fazes, ao acusares teu pai por crime de homicídio.

Eutífron — E só disse a verdade, Sócrates.

Sócrates — É possível. Mas sem dúvida admites, Eutífron, que haja mais coisas a que dê também o nome de piedosas.

Eutífron — Há, pois não.

Sócrates — Como deves estar lembrado, eu não te pedi que me apontasses um ou dois exemplos dentre os incontáveis atos de piedade, mas apenas a idéia geral que faz que todos os atos piedosos sejam piedosos. Declaras-te que há uma forma única que faz com que toda coisa impiedosa seja impiedosa, e toda coisa piedosa, piedosa. Ou não te lembrás?

Eutífron — Lembro-me.

Sócrates — Então ensina-me qual seja essa idéia geral, para que, contemplando-a e me servindo dela como de um paradigma, possa dizer que toda ação que se lhe assemelha, ou seja

praticada por ti ou por qualquer outra pessoa, é pia, e o que disso diferir, é ímpio.

Eutífron - Se é isso o que desejas, Sócrates, vou dar-te a explicação.

Sócrates — É isso, justamente.

7 a **Eutífron** — O que aos deuses agrada, é pio; o que desagrada, ímpio.

Sócrates — Magnífico, Eutífron; respondeste como eu desejava que o fizesses. Se está certa a resposta, não saberei dizê-lo; porém não duvido de que irás acabar de demonstrar-me a verdade do que dizes.

Eutífron — Sem dúvida.

VIII — **Sócrates** — Então analisemos o que acabamos de afirmar. A coisa ou pessoa agradável aos deuses é pia; a coisa ou pessoa detestada pelos deuses é ímpia. E mais: pio e ímpio não são a mesma coisa, mas precisamente opostos, não é isso?

Eutífron — Perfeitamente.

Sócrates — Parece-te bem enunciada a questão?

b **Eutífron** — Acho que sim, Sócrates.

Sócrates — Mas também afirmaste, Eutífron, que os deuses brigam e discordam entre si, e revelam inimizade de uns com os outros. Isso também foi dito.

Eutífron — Sim, foi dito.

Sócrates — Mas de que discordância nascem a inimizade e a cólera? Consideremos esse tópico. Se eu e tu discordássemos a respeito de números, sobre qual fosse o maior, semelhante divergência nos faria inimigos e viria a suscitar cólera entre nós? Ou, de preferência, recorreríamos ao cálculo para nos reconciliarmos depressa a esse respeito?

c **Eutífron** — Sem dúvida nenhuma.

Sócrates — E se dissentíssemos sobre a diferença de tamanhos, não recorreríamos às medidas, para pormos fim à controvérsia?

Eutífron — Perfeitamente.

Sócrates — Ou tomaríamos da balança, creio, se se tratasse de decidir entre o mais pesado e o mais leve?

Eutífron — Como não?

Sócrates — A respeito de que, então, discordaríamos, sem podermos chegar a uma decisão, a ponto de nos encolerizarmos e nos tornarmos inimigos? Certamente não te ocorre o que seja, mas permite que to diga e considera se não será a respeito do justo e do injusto, do belo e do feio, do bem e do mal? Não são esses os temas sobre que os homens divergem, e por não encontrarem solução satisfatória, tornam-se inimigos, quando chegam a esse ponto, não apenas eu e tu, senão todos os homens?

d **Eutífron** — Sim, essa é a discórdia, Sócrates, e também a sua causa.

Sócrates — E os deuses, Eutífron? Se sobre algo discordam, terá de ser forçosamente a respeito dessas questões?

Eutífron — Necessariamente.

e **Sócrates** — Nesse caso, meu generoso Eutífron, os deuses também estão divididos a respeito do justo — tu mesmo o declaraste — do belo e do feio, do bem e do mal. Pois nunca surgiria discórdia entre eles, se não se desaviessem nesse particular. Não é verdade?

Eutífron — Tens razão.

Sócrates — Logo, o que cada um considera belo, ou bom, ou justo, isso todos eles amam, vindo a odiar os seus contrários.

Eutífron — Perfeitamente.

Sócrates — E as mesmas coisas, como disseste, uns consideram justas, outros injustas, sendo essa diferença de opinião que faz nascer entre eles a discórdia e as guerras, não é assim?

8 a **Eutífron** — Certo.

Sócrates — A mesma coisa, pelo que se vê, é amada e odiada pelos deuses; a mesma coisa, cara para eles é também odiosa?

Eutífron — Parece.

Sócrates — Logo, segundo o que disseste, Eutífron, a mesma coisa será ao mesmo tempo pia e ímpia?

Eutífron — É bem possível.

b **IX — Sócrates** — Mas, meu admirável amigo, ainda não respondeste à minha pergunta. Eu não queria saber o que é pio e ímpio ao mesmo tempo. Ao que parece, o que é agradável aos deuses pode também ser odioso aos deuses. Assim, Eutífron, não será de admirar se o que ora fazes, punindo teu pai, seja agradável a Zeus, porém odioso a Crono e a Urano; caro, realmente, a Efesto, mas intolerável a Hera; e do mesmo modo com os demais deuses, se sobre isso cada um pensar de um jeito.

Eutífron — Mas eu sou de opinião, Sócrates, que nenhum dos deuses diverge de outro por pretender que não deve ser punido quem cometer injustamente um crime de homicídio.

c **Sócrates** — Como assim, Eutífron? Nunca ouviste falar de pessoas que, em casos de crime injusto de homicídio, ou de qualquer outra infração injusta, sejam de opinião que o crime não deva ser punido?

Eutífron — É sobre o que não param de discutir, principalmente nos tribunais. Sendo eles mesmos autores de toda espécie de injustiças, tudo fazem e alegam para se furtarem ao castigo.

Sócrates — E essas pessoas, Eutífron, confessam que cometeram injustiça, e, apesar disso, afirmam que não devem ser castigadas?

Eutífron — Isso não.

Sócrates — Então não dizem nem fazem tudo. Sou de opinião que ninguém se atreve a dizer ou a contestar que não deve ser castigado quando comete alguma injustiça; o que todos afir-

d mam, quero crer, é que não cometeram injustiça. Não é isso?

Eutífron — Tens razão.

Sócrates — Não contestam, portanto, que quem pratica uma injustiça não deva ser castigado; apenas discutem sobre quem cometeu a injustiça, como procedeu e em que tempo se deu o fato.

Eutífron — Tens razão.

Sócrates — Sendo assim, não se dará a mesma coisa com os deuses, se realmente eles se desavêm a respeito do justo e do injusto, conforme afirmaste, pretendendo uns que sofreram injustiça dos outros, e negando estes que a tivessem praticado? Porque é evidente, meu admirável amigo, que ninguém, nem deus, nem homem, terá o ousio de afirmar que não deve ser castigado quem comete alguma injustiça.

Eutífron — Nesse ponto, Sócrates, tens razão em tese.

Sócrates — Quero crer, portanto, Eutífron, que é em cada caso particular que eles discutem, quando discutem, homens e deuses, se é que os deuses discutem: diferem de opinião sobre determinado ato, sustentando uns que foi feito com justiça, e outros, que o foi injustamente. Não é assim?

Eutífron — Perfeitamente.

9 a **X** — **Sócrates** — Então, meu caro Eutífron, ensina-me também, para meu proveito, em que argumento te baseias para acreditares que todos os deuses consideram injusta a morte de um mercenário criminoso de morte, que fora amarrado pelo senhor da vítima e que veio a morrer em consequência disso mesmo, antes de haver quem o amarrara recebido instruções da parte do exegeta sobre o que era preciso fazer, e que em relação a essa pessoa é muito certo denunciá-la à justiça seu próprio filho, por crime de morte. Vamos, esforça-te por demonstrar-me claramente

b que todos os deuses, sem discrepância, consideram justo semelhante ato. Se me provares isso, daqui por diante não pouparei elogios à tua sabedoria.

Eutífron — Não é tarefa muito fácil, Sócrates; mas é certeza poder eu demonstrar o que me pedes.

Sócrates — Compreendo; é que me consideras mais lerdo para entender as coisas do que os juízes, pois é evidente que te dispões a demonstrar-lhes que o ato foi injusto e que todos os deuses o condenam.

Eutífron — Fá-lo-ei com toda a clareza, Sócrates, no caso de ouvirem minha exposição.

c **XI** — **Sócrates** — Hão de ouvi-la, sem dúvida, se lhes pareceres bom orador. Mas, enquanto falavas, ocorreu-me um argumento, e pus-me a desenvolvê-lo a sós comigo: Ainda mesmo que Eutífron me demonstre brilhantemente que todos os deuses consideram injusto esse crime, o que foi que aprendi com a lição de Eutífron sobre o que seja pio e o que seja ímpio? Ao que parece, esse crime é odiado pelos deuses. Muito bem. Acontece,

porém, que há pouco chegamos à conclusão de que não é desse modo que se poderá definir o que seja pio e o que seja ímpio, por ter ficado demonstrado que o que é odiado pelos deuses é também amado pelos deuses. Por isso, Eutífron, dispense-te desse trabalho; caso queiras, aceitemos que todos os deuses consideram

d injusto o ato e que todos o reprovam. Mas se retificarmos desse modo a proposição, a saber, que ímpio é o que todos os deuses odeiam, e pio o que todos eles amam, e que o que é amado por uns e odiado por outros não é nem uma coisa nem outra, ou será ambas ao mesmo tempo, virá a ser essa a definição procurada, do que seja pio e do que seja ímpio?

Eutífron — Quem nos impede, Sócrates, de aceitá-la?

Sócrates — Oh! Não serei eu, Eutífron. Porém considera por teu lado se, partindo desse postulado, poderás ensinar-me mais facilmente o que prometeste.

Eutífron — De minha parte, afirmarei que pio é o que todos os deuses amam; e o contrário disso, o que todos os deuses odeiam, é ímpio.

e

Sócrates — Devemos analisar essa proposição, Eutífron, para sabermos se está bem formulada, ou a aceitaremos sem análise, por bastar-nos apenas nossa autoridade, ou a de outras pessoas, e termos como verdadeiro um fato, com base na simples afirmação de terceiros? Ou, pelo contrário, devemos examinar o que nos dizem?

Eutífron — Sim, devemos examinar, muito embora eu esteja convencido de que falei com acerto.

10 a **XII** — **Sócrates** — É o que haveremos de ver dentro de pouco, meu caro. Considera o seguinte: o que é pio é amado pelos deuses por ser pio, ou é pio porque é amado pelos deuses?

Eutífron — Não compreendo, Sócrates, o que queres dizer com isso.

Sócrates — Vou tentar explicar-me mais claramente. Não podemos dizer de uma coisa que é removida ou que remove, que é conduzida ou que conduz, que é vista ou que vê? Percebes que há diferença em todos esses casos, e em que consiste.

Eutífron — Sim, creio perceber.

Sócrates — Assim, o que é amado é uma coisa, e o que ama é outra.

Eutífron — Como não?

b **Sócrates** — Então dize-me o seguinte: o que é removido é removido porque o removem ou por outra razão qualquer?

Eutífron — Não; porque o removem.

Sócrates — O mesmo se dá com o que é conduzido: é conduzido por estar sendo conduzido; e o que é visto, por estar sendo visto?

Eutífron — Perfeitamente.

Sócrates — Logo, uma coisa não é vista porque seja visível, mas o contrário: é visível porque é vista, nem porque está sendo conduzida é conduzida, mas o inverso: porque a conduzem

c é que está sendo conduzida; nem a removem porque está sendo removida, mas porque a removem é que está sendo removida. Não ficou claro agora, Eutífron, o que eu quero dizer? É o seguinte: se algo se afirma ou padece influência estranha, não é porque se está afirmando que se afirma, mas o contrário: porque se afirma é que se está afirmando; nem é por ser paciente que padece, mas por padecer é que é paciente. Admites isso?

Eutífron — Sem dúvida.

Sócrates — Ora, ser amado não é a afirmação de alguém, ou o recebimento da influência estranha?

Eutífron — Perfeitamente.

Sócrates — Não se observa aqui o mesmo que nos exemplos anteriores? Não é por ser amada uma coisa que lhe dedica amor aquele que a ama, mas porque lhe dedica amor é que é amada?

Eutífron — Forçosamente.

d **Sócrates** — E o que diremos da piedade, Eutífron? Não é aquilo que é amado por todos os deuses, segundo tuas próprias palavras?

Eutífron — Sim.

Sócrates — E isso por ser piedosa, ou por outra causa qualquer?

Eutífron — Não; por isso mesmo.

Sócrates — Logo, por ser piedosa, é amada, não o inverso: seria piedosa por ser amada.

Eutífron — Parece.

Sócrates — Por outro lado, as coisas agradáveis aos deuses o são por serem amadas por eles?

Eutífron — Como não?

Sócrates — Então o que é agradável aos deuses não é piedoso, Eutífron, nem o que é piedoso, agradável aos deuses, como disseste; são coisas diferentes.

e **Eutífron** — Como assim, Sócrates?

Sócrates — Por havermos concordado que o piedoso era amado por ser piedoso, não o inverso: por ser amado era piedoso. Não foi isso?

Eutífron — Sim.

XIII — **Sócrates** — O que é agradável aos deuses é agradável por ser amado dos deuses, não amado por eles por lhes ser agradável.

Eutífron — Tens razão.

11 a **Sócrates** — Ora, meu caro Eutífron, se fosse a mesma coisa ser amado dos deuses e ser piedoso, no caso de ser o piedoso amado dos deuses por ser piedoso, o amado dos deuses também seria amado dos deuses por ser amado dos deuses. Por outro lado, se a coisa amada dos deuses fosse amada dos deuses por ser amada dos deuses, o piedoso seria piedoso por ser amado dos deuses. Mas, como vês, é o contrário disso que se dá, por serem de todo diferentes entre si. Um não é objeto do amor senão por

ser amado, enquanto o outro só é amado por ser objeto do amor. E até parece, Eutífron, que te havendo eu pedido que me disseses o que é em si o piedoso, não quiseste declarar-me a sua natureza, limitando-te a apontar apenas uma qualidade que lhe é própria, a de ser amado por todos os deuses. Sobre a sua verdadeira essência até agora nada disseste. Se for, portanto, do teu agrado, b peço-te que não me escondas a explicação pedida e retorna ao começo para dizer qual seja a verdadeira essência do piedoso, pouco importando que o piedoso seja ou não amado pelos deuses ou que revele qualquer outra propriedade, pois não é sobre esses pontos que estamos em desacordo. Explica-me, portanto, sem maiores rodeios, o que é piedoso e o que é ímpio.

Eutífron — Em verdade, Sócrates, não sei de que maneira exponha o meu pensamento, porque todos os nossos argumentos como que giram em torno de nós mesmos, não permanecendo nenhum no lugar em que o colocamos.

c **Sócrates** — Tuas proposições, Eutífron, parece serem outras tantas criações de nosso antepassado, Dédalo. Se fosse eu que as tivesse enunciado e apresentado, decerto zombarias de mim com dizeres que, por causa do meu parentesco com ele, minhas construções de palavras põem-se a fugir, sem permanecerem onde eu as coloco. Como, porém, são tuas as proposições, teremos de recorrer a outro gracejo. És o primeiro a reconhecer que elas não ficam no lugar próprio.

Eutífron — Não, Sócrates; eu também sou de opinião de que o gracejo se aplica perfeitamente ao nosso caso. O fato de sempre andarem à roda os argumentos e não permanecerem fixos, não depende de mim; tu é que és Dédalo, quero crer. Por minha parte, não se arredariam do lugar. d

Sócrates — Nesse caso, amigo, eu seria superior a Dédalo, porque ele só podia fazer moverem-se suas próprias criações, enquanto eu, ao que parece, faço a mesma coisa tanto com as minhas como com as dos outros. E o que é mais esquisito no meu talento é que sou artista sem o saber. Preferira que minhas razões se mantivessem fixas, sem mudarem de lugar, a ser dono de todos os tesouros de Tântalo, acrescidos da sabedoria de Dédalo. Mas e sobre isso, basta. E porque me dás a impressão de estares afrouxando, vou ajudar-te do meu lado, para mostrar-te como podes ensinar-me o que seja o piedoso. Não vás desanimar antes do fim. Considera se não és de parecer que tudo o que é pio seja necessariamente justo. e

Eutífron — Sem dúvida nenhuma.

12 a **Sócrates** — E será também pio tudo o que é justo? Ou, de outro modo: tudo o que é pio é justo, sem que por isso seja pio tudo o que for justo, mas apenas uma parte, e a outra não?

Eutífron — Não acompanho, Sócrates, tua exposição.

Sócrates — E contudo és tanto mais moço do que eu quanto me ultrapassas em sabedoria. Como disse há pouco, tu só estás afrouxando por excesso de capacidade. Vamos, felizardo, concentra-te um momento; o que eu disse não é difícil de com-

preender. Meu pensamento é precisamente o oposto do que disse o poeta nos seus versos:

- b *Por que não cantas também Zeus potente, criador de tudo isto e ordenador? É mui certo: onde há medo há respeito.*

Enquanto a mim, discordo do poeta. Queres que te diga em quê?

Eutífron — Sou todo ouvidos.

Sócrates — Não me parece que onde haja medo haja respeito. Porque muita gente tem medo de doenças, de pobreza e de outros males do mesmo jaez; que têm medo, é certo; porém não vejo que revelem respeito por aquilo de que se temem. Não pensas também do mesmo modo?

Eutífron — Perfeitamente.

- c **Sócrates** — Ao contrário: onde há respeito há temor. Haverá alguém que, tendo vergonha de qualquer ação má, devido ao respeito a si mesmo, não revele ao mesmo tempo temor e medo da má reputação?

Eutífron — Forçoso é que revele.

Sócrates — Não é certo, portanto, dizer: onde há medo há respeito, porém: onde há respeito há medo, pois nem sempre há medo onde há respeito. Muito maior, quero crer, é o medo do que o respeito; o respeito é uma parte do medo, como o número ímpar é parte do número geral; e assim como nem sempre há número ímpar onde quer que haja número, sempre haverá número onde houver número ímpar. Acompanhas-me agora?

Eutífron — Perfeitamente.

- d **Sócrates** — Foi nesse sentido que eu perguntei há pouco se onde quer que haja justiça haverá também piedade; ou, ainda, se sendo justo tudo o que é pio, pode haver justo que não seja pio, porque a piedade é uma parte da justiça. Já não assentamos esse ponto, ou és de parecer diferente?

Eutífron — Não, é assim mesmo; parece que falaste com acerto.

XIV — Sócrates — Agora presta atenção no que segue. Se a piedade é uma parte da justiça, compete-nos agora, quero crer, descobrir que parte da justiça é a piedade. Se, portanto, me perguntasses, como no caso anterior, que parte do número era o número par, e qual era propriamente a sua natureza, eu te teria respondido que é um número não ímpar, divisível em duas partes iguais. Não estás de acordo?

Eutífron — Perfeitamente.

- e **Sócrates** — Procura agora, também, ensinar-me que parte da justiça é a piedade, para que eu possa pedir a Méleto que deixe de ser injusto comigo com a sua acusação de impiedade, visto já haver eu aprendido perfeitamente contigo o que é piedade e santidade, e o que não é.

Eutífron — Sou de opinião, Sócrates, que a parte piedosa e santa da justiça é a referente ao tratamento dos deuses. Tudo o

mais que diz respeito aos homens é a outra parte da justiça.

13 a **XV — Sócrates** — Tua explicação parece-me excelente, Eutífron; mas ainda falta esclareceres um pequeno ponto; não apanho bem o que queres dizer com a expressão tratamento. De certo não a empregas no mesmo sentido em que a usamos quando nos referimos a tratamento de outras coisas, para assim também a aplicares aos deuses. A expressão é de largo emprego. Por exemplo, costumamos dizer: nem toda a gente entende de tratamento de cavalos, mas apenas os cavaleiros. Não é isso mesmo?

Eutífron — Perfeitamente.

Sócrates — Quer dizer: a arte da equitação diz respeito ao tratamento do cavalo?

Eutífron — Sim.

Sócrates — Nem toda a gente sabe tratar de cães, mas apenas o caçador.

Eutífron — É certo.

Sócrates — Porque da cinegética faz parte o tratamento dos cães.

Eutífron — Sem dúvida.

Sócrates — Do mesmo modo, trata dos bois a arte dos boieiros?

b **Eutífron** — Perfeitamente.

Sócrates — É assim mesmo, Eutífron, que a piedade e a devoção consistem no tratamento dos deuses? É assim que pensas?

Eutífron — É isso mesmo.

Sócrates — Toda espécie de tratamento não visa à mesma finalidade? Podemos dizer que todas têm em mira o bem e a utilidade do que é tratado, o que poderás verificar com os cavalos, que só lucram e se tornam melhores com a arte da equitação. Não pensas dessa maneira?

Eutífron — Penso, de fato.

c **Sócrates** — O mesmo se dá com a cinegética, em relação aos cães, a arte bucólica, em relação aos bois, e tudo o mais pelo mesmo estilo. Ou pensarás que o tratamento redundará em dano dos que são tratados?

Eutífron — Eu não, por Zeus!

Sócrates — Mas em vantagem deles?

Eutífron — Como não?

Sócrates — Nesse caso, o tratamento dos deuses, implicando alguma vantagem para os deuses, visa a deixá-los melhores? Concederás, então, que quando praticas um ato de piedade deixas melhor um dos deuses?

Eutífron — Nunca, por Zeus!

d **Sócrates** — Nem eu nunca imaginei, Eutífron, que pensasses desse modo. Longe disso. Quando te perguntei o que entendias por tratamento dos deuses, estava certo de que não te referias a isso.

Eutífron — Tinhas razão, Sócrates; não é esse o meu

modo de pensar.

Sócrates — Muito bem. Mas que tratamento é esse em que consiste a piedade?

Eutífron — Da mesma natureza, Sócrates, do que os escravos fazem em relação a seus senhores.

Sócrates — Compreendo; é um serviço, ao que parece, prestado aos deuses.

Eutífron — Perfeitamente.

XVI — **Sócrates** — Poderias dizer-me, com relação ao serviço dos médicos, que objetivo têm em mira? Não achas que seja a saúde?

Eutífron — É isso, justamente.

e **Sócrates** — E o serviço dos construtores de navios, a que finalidade tende?

Eutífron — É evidente, Sócrates, que à construção de navios.

Sócrates — E o dos arquitetos, à construção de casas?

Eutífron — Sim.

Sócrates — Responde-me, então, caro amigo: os servidores dos deuses à produção de que trabalho tendem? É evidente que debes saber isso, pois te vanglorias de ser o mais sábio dos homens no conhecimento das coisas divinas.

Eutífron — E só disse a verdade, Sócrates.

Sócrates — Então diz-me, por Zeus, qual é esse belo trabalho que produzem os deuses quando nos usam como ministros deles?

Eutífron — Muitas e belas coisas, Sócrates.

14 a **Sócrates** — O mesmo fazem os comandantes de tropa, meu caro; contudo, poderias resumir facilmente tudo o que eles fazem com dizeres que alcançam vitória na guerra. Não é isso?

Eutífron — Por que não?

Sócrates — Os agricultores também fazem muitas e belas coisas; contudo, o essencial do trabalho deles é tirar da terra o alimento.

Eutífron — Perfeitamente.

Sócrates — E então? As muitas e belas coisas que os deuses fazem, em síntese, em que consistem?

b **Eutífron** — Já te disse há pouco, Sócrates, que seria por demais cansativo aprenderes com minúcias tudo isso. O essencial é o seguinte: quando alguém sabe o modo de dizer ou de fazer o que é agradável aos deuses, orando ou sacrificando, é o que se denomina piedade, sendo isso que assegura a salvação das casas dos particulares como da cidade em geral; o oposto do que é agradável aos deuses é ímpio, que tudo perverte e põe a perder.

c **XVII** — **Sócrates** — Decerto, Eutífron, se tivesses querido, poderias ter-me explicado com muito menos palavras o que te perguntei. Mas é fora de dúvida que não estás disposto a ensinar-me. Agora mesmo, quando já estavas a caminho para isso,

desviaste-te; se me tivesses então respondido, há muito eu teria aprendido contigo o que é a piedade. Agora, porém — forçoso é que o amante vá para onde o amado quiser levá-lo — torno a perguntar-te: como dizes ser em sua essência própria o piedoso e a piedade? Uma espécie de ciência de sacrifícios e de orações?

Eutífron — Justamente.

Sócrates — E sacrificar, não é oferecer presentes aos deuses, e orar, dirigir-lhes pedidos?

Eutífron — Exatamente, Sócrates.

d **Sócrates** — Assim, de acordo com o que disseste, a piedade viria a ser a ciência dos presentes e dos pedidos aos deuses.

Eutífron — Ótimo, Sócrates; compreendeste perfeitamente o que eu quis dizer.

Sócrates — É que eu sou ávido, amigo, de tua sabedoria e me esforço ao máximo para que não venha a cair no chão uma só migalha do que dizes. Mas explica-me em que consiste esse serviço dos deuses. Dizes que lhes dirigimos pedidos e lhes levamos presentes.

Eutífron — Foi o que eu disse.

XVIII — **Sócrates** — Assim, pedir com acerto seria pedir-lhes o de que necessitamos?

Eutífron — Que mais poderia ser?

e **Sócrates** — E, por outro lado, à guisa de retribuição, seria preciso presenteá-los com acerto naquilo de que porventura necessitem, pois não fora procedimento digno de um entendido no assunto presentear alguém com algo de que ele não tivesse necessidade.

Eutífron — Falas com acerto, Sócrates.

Sócrates — Desse jeito, Eutífron, a piedade vem a ser uma espécie de comércio entre os deuses e os homens?

Eutífron — Sim, comércio, se te apraz dar-lhe tal nome.

15 a **Sócrates** — A mim só aprazera se for verdade. Mas explica-me que proveito podem tirar os deuses dos presentes que recebem de nós. O que eles nos dão, todos vêem, pois nada temos de bom que não seja dado por eles. Mas o que eles recebem de nós, de que vantagem lhes poderá ser? Ou será que a tal ponto levamos vantagem sobre eles nesse negócio, que recebemos deles todos os bens, sem que eles recebam nada de nossa parte?

Eutífron — Porém crês mesmo, Sócrates, que os deuses tirem algum proveito do que lhes damos?

Sócrates — Que poderão ser, então, Eutífron, os presentes que oferecemos aos deuses?

Eutífron — Que presumes que sejam, além de honras e mostras de respeito, e, como disse há pouco, algo de que se agradam?

b **Sócrates** — Então, Eutífron, o que é piedoso é o que agrada aos deuses, não o que lhes é útil nem o que é amado por eles?

Eutífron — Creio que é sobretudo amado por eles.

Sócrates — Então, ao que parece, pio vem a ser novamente o que os deuses amam.

Eutífron — Perfeitamente.

XIX — **Sócrates** — Depois de dares essa explicação, ainda te admiras de não permanecerem firmes teus argumentos, mas de porem-se a andar? E atribuis a mim a culpa, chamando-me de Dédalo, por fazê-los moverem-se, quando tu te revelaste muito mais hábil do que Dédalo, pois os puseste a andar em círculo. Então, não percebeste que nossa conversação, depois de uma volta completa, veio parar no ponto de partida? Deves estar lembrado, decerto, de que há pouco não se nos revelaram como idênticos o que é pio e o que é amado dos deuses, porém perfeitamente distintos. Ou não te recordas disso?

Eutífron — Sim, recordo-me.

Sócrates — Percebes agora que afirmaste ser piedoso o que é amado dos deuses? E o que é ser isso, senão ser agradável aos deuses? Ou não?

Eutífron — Sem dúvida.

Sócrates — Sendo assim, ou há pouco nós viemos a ficar de acordo numa proposição falsa, ou incidimos agora em erro.

Eutífron — Assim parece.

XX — **Sócrates** — Devemos, portanto, examinar mais uma vez o que seja a piedade. De minha parte, enquanto o não souber, não desistirei de investigar. Não me desdenhes, mas concentra o espírito no máximo, para dizeres-me por fim a verdade. Se há quem possa sabê-lo és tu, não sendo admissível, como no caso de Proteu, que me escapes antes de me teres revelado. Pois se não soubesses exatamente o que é pio e o que não é, estou certo de que nunca terias concebido o projeto de acusar teu velho pai de crime de morte, por causa, tão-somente, de um simples mercenário. Não só temerias incorrer no desagrado dos deuses, no caso de não estares procedendo direito, como revelarias respeito à opinião dos homens. Daí estar eu convencido de que sabes perfeitamente o que é piedoso e o que não é. Dize-o logo, meu caro Eutífron, e não escondes a tua maneira de pensar.

Eutífron — Noutra ocasião, Sócrates; agora estou com pressa; já é tempo de ir-me embora.

Sócrates — Que fazes, amigo? Com a tua retirada, deixas-me cair do alto de minha grande expectativa de aprender contigo o que é a piedade e o seu contrário, para, assim, livrar-me da acusação de Méleto, com demonstrar-lhe que eu já me havia instruído com Eutífron na ciência das coisas divinas, e que não mais me atreveria, por ignorância, a especular sobre esses assuntos ou a introduzir neles inovações, e que doravante levaria uma vida melhor.